ISSN: 2358-8829

ENTRE ENCONTROS E ESCRITAS: O DIÁRIO NARRATIVO COMO PRÁTICA FORMATIVA

Aline Coelho da Silva da Costa Vieira [1]
Marcélia Amorim Cardoso [2]

INTRODUÇÃO

O mestrado, especialmente no campo da Educação, apresenta-se no geral como um espaço privilegiado de formação científica, humana e crítica. No entanto, nem sempre os processos vividos no interior dos grupos de pesquisa são reconhecidos, sistematizados ou analisados em sua dimensão reflexiva, relacional e narrativa. As reuniões, debates, leituras compartilhadas, tensões teóricas e afetos que emergem nesses encontros frequentemente se perdem diante de tamanha velocidade das exigências acadêmicas e das demandas cotidianas dos pesquisadores-trabalhadores que compõem esses grupos.

Pois é nessa dinâmica que nasce o interesse central deste trabalho: investigar de que maneira a escrita narrativa em forma de diário, produzida a partir dos encontros de um grupo de pesquisa, pode contribuir para a formação acadêmica, científica e humana no âmbito da pós-graduação. A questão não é simplesmente metodológica; é, sobretudo, uma questão formativa e ética, trata-se de reconhecer que o processo de produção do conhecimento também acontece, nas margens, nas conversas, nas dúvidas partilhadas, nos planos que não deram certo e nas descobertas que surgem no meio do caminho.

Nosso grupo de pesquisa Gpesq.IDEIAS, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ), adotou a prática de registros narrativos a cada encontro, sob a responsabilidade de um relator diferente por reunião. Essa iniciativa, que se apoia na metodologia dos diários de aula proposta por Zabalza (2023) e na perspectiva formativa do diário de pesquisa discutida por Barbosa e Hess (2010), que tem surgido potencialidades que merecem ser pensadas com maior profundidade e sistematização.

Esse texto apresenta como objetivo geral a análise sobre, de que modo a escrita narrativa em forma de diário, produzida a partir dos encontros de um grupo de pesquisa, pode

[1] Mestranda do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá – PPGE/UNESA - RJ, alinecoelho.pedagogico@gmail.com;;
[2] Doutora em Educação - UFRRJ - RJ. Professora do PPGE/UNESA - RJ, marcelia1amorim@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

constituir-se como dispositivo formativo, reflexivo e humanizador no contexto da pós-graduação. Como objetivos específicos, buscamos: descrever a dinâmica dos encontros formativos do grupo; compreender o papel dos registros narrativos produzidos a cada encontro; discutir como tais escritas retratam experiências, práticas docentes e processos de formação científica; e refletir sobre a contribuição do diário para a humanização das relações acadêmicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho apoia-se, essencialmente, em dois eixos complementares: a perspectiva do diário como instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional, conforme Zabalza (2023), e a dimensão formativa do diário de pesquisa no contexto universitário, conforme Barbosa e Hess (2010).

Para Zabalza (2023), o diário de aula não deve ser compreendido como um registro burocrático ou uma mera ata de acontecimentos. Muito pelo contrário, trata-se de um instrumento reflexivo que possibilita ao docente e ao pesquisador acessar suas próprias percepções, dúvidas, avanços e recuos. O diário convida ao olhar para si mesmo em situação, desencadeando um processo de autoconhecimento e autoformação que dificilmente ocorre sem esse exercício sistemático de escrita. O autor argumenta que o ato de narrar transforma a experiência vivida em objeto de reflexão, permitindo que o sujeito se torne, ao mesmo tempo, autor e leitor de sua própria trajetória.

Barbosa e Hess (2010) ampliam essa perspectiva ao situar o diário de pesquisa como um instrumento fundamental para o estudante universitário em seu processo formativo. Segundo os autores, escrever um diário é um ato de organização do pensamento, de elaboração das vivências e de construção gradual de uma identidade de pesquisador. O diário não apenas registra, ele produz. Ao escrever, o sujeito elabora, questiona, projeta e transforma. Trata-se de uma prática que articula memória, reflexão e ação, tornando visíveis os movimentos invisíveis da formação.

Essas perspectivas dialogam com o pensamento de Paulo Freire (2000) sobre o ser inacabado e a necessidade de uma práxis reflexiva, compreendida como a unidade indissociável entre teoria e prática, ação e reflexão. Também ressoam com a noção bakhtiniana de polifonia (Bakhtin, 2010), entendida como a coexistência e a interação de vozes e consciências autônomas, em relação dialógica, o que permite pensar a

ISSN: 2358-8829

constituição do sujeito na multiplicidade de vozes que o atravessam, bem como por meio do conceito de Escrevivências, de Conceição Evaristo (2017), que afirma a potência narrativa de experiências que emergem do cotidiano e da subjetividade como formas legítimas de produção de saber.

Nessa articulação teórica, o diário aparece como um dispositivo que não apenas documenta encontros, mas que os tornam vivos, reflexivos e formativos. Ele é, a um só tempo, metodologia, epistemologia e ética uma forma de reconhecer que o saber também nasce do cotidiano, das relações, das incertezas e das vozes que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas nos espaços acadêmicos formais.

METODOLOGIA

A pesquisa em si tem uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, com inspiração na pesquisa narrativa. O campo da pesquisa é constituído pelos encontros formativos do grupo de pesquisa Gpesq.IDEIAS, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (UNESA), realizados ao longo do primeiro semestre de 2026.

A dinâmica adotada pelo grupo prevê que, a cada reunião, um de seus membros atue como relator, responsável por produzir um diário narrativo do encontro. Esse registro não segue um roteiro fixo ou estrutura rígida; ao contrário, parte de uma escrita fluida, pessoal e reflexiva, que busca capturar não apenas os conteúdos discutidos, mas também os afetos, as tensões, as dúvidas e os movimentos de pensamento que perpassam o grupo naquele encontro.

O material empírico principal que orienta a análise deste trabalho é o diário produzido a partir do primeiro encontro do grupo, relatado por uma das autoras deste texto em sua estreia no grupo. Esse diário inaugural, intitulado “Vozes de um Encontro Transformador”, serve como base para a exemplificação e discussão das potencialidades do dispositivo narrativo aqui pensados.

A análise do material segue uma perspectiva interpretativo-compreensiva, buscando identificar, no interior da narrativa produzida, os elementos que retratam processos de formação, reflexão e humanização das relações acadêmicas. Busca-se, assim, não apenas descrever o que foi registrado, mas compreender como o próprio ato de narrar se constitui como um processo formativo em si mesmo.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do diário inaugural do grupo Gpesq.IDEIAS permite identificar, de forma concreta, a potência formativa da escrita narrativa como dispositivo de reflexão e humanização no contexto da pós-graduação. Já no primeiro encontro narrado, brotam elementos que transcendem o registro dos conteúdos discutidos e mostram uma dimensão afetiva, epistêmica e ética da formação acadêmica.

O primeiro aspecto que chama a atenção é a subjetividade presente no registro. A relatora não se apaga do texto; ao contrário, ela se posiciona como sujeito que sente, que carrega dúvidas, que se emociona com o novo. A descrição do "frio na barriga" do primeiro encontro, a sensação de pertencimento ao grupo, a gratidão pela acolhida, esses elementos não são ornamentos sentimentais; são dados formativos. Eles demonstram que a formação acadêmica não acontece apenas no plano cognitivo, mas também no corpo, nas emoções, nas relações. Como afirmam Barbosa e Hess (2010), o diário de pesquisa é também um espaço de elaboração das vivências subjetivas que constituem o processo formativo.

Um segundo aspecto diz respeito à pluralidade de vozes que se manifestam no diário. A narrativa produzida não é um monólogo; é um tecido em que ecoam vozes diversas, em relação dialógica, no qual se entrelaçam as falas da professora orientadora, das colegas de grupo, das referências teóricas mobilizadas no encontro e da própria relatora. Esse movimento dialógico, que evoca a perspectiva bakhtiniana sobre a constituição dialógica do sujeito (Bakhtin, 2010), aponta que o diário é também um dispositivo de escuta, uma forma de registrar não apenas o que se disse, mas o que se ouviu, o que tocou, o que provocou pensamento.

Um terceiro elemento relevante é a articulação entre experiência e teoria que a narrativa possibilita. A relatora não apenas transcreve os conceitos discutidos no encontro, como as epistemologias insurgentes, a decolonialidade, currículo como relação, práxis, ser inacabado, mas os ressignifica a partir de sua própria experiência docente e de pesquisa. A referência ao "diário de bordo" que ela incentivava suas professoras a escrever na creche onde atuava, e o reconhecimento tardio de que já praticava, intuitivamente, a metodologia proposta por Zabalza (2023), é um exemplo eloquente desse movimento. Esse é, precisamente, o que o diário de pesquisa provoca: o encontro entre o saber vivido e o saber formalizado, que resulta em uma compreensão mais profunda e encarnada do conhecimento.

ISSN: 2358-8829

Um quarto aspecto que merece atenção é a dimensão ética e humanizadora que a prática do diário introduz nas relações do grupo. Ao narrar o encontro em tom pessoal, afetuoso e reflexivo, a relatora não apenas documenta, ela homenageia. Ela reconhece as contribuições de cada participante, registra os momentos de humor, as conexões inesperadas, os silêncios significativos. Esse gesto retrata que o diário não é apenas um instrumento epistêmico; é também um gesto de cuidado, uma forma de dizer que aquele momento importou, que aquelas vozes merecem ser lembradas. Como aponta Zabalza (2023), a escrita reflexiva é também uma forma de respeito pela experiência vivida.

Por fim, a discussão sobre o uso consciente da inteligência artificial, que emergiu no próprio encontro narrado, serve como contraponto revelador. A afirmação de que "a Inteligência Artificial (IA) ajuda a escrever, mas não ajuda a pensar" registrada e ressignificada pela relatora mostra, precisamente, o que o diário narrativo oferece e a inteligência artificial não pode substituir: a reflexão crítica, a autoria genuína, o amadurecimento do pensamento que acontece na escrita de si. O diário, nesse sentido, é o avesso da automação é o lugar onde o sujeito se reconhece como pensante, como inacabado, como em processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui desenvolvidas permitem afirmar que a escrita narrativa em forma de diário, produzida a partir dos encontros de um grupo de pesquisa, constitui-se como um dispositivo formativo de grande força e potente no contexto da pós-graduação. Mais do que um registro, o diário é um espelho, um instrumento que devolve ao sujeito a imagem de sua própria trajetória, convidando-o à reflexão, ao estranhamento e à transformação.

A experiência do grupo Gpesq.IDEIAS, ainda em seus primeiros passos, já apontava de que essa prática é capaz de fazer visíveis os processos invisíveis da formação: os afetos que movem a pesquisa, as dúvidas que a alimentam, as vozes que a constituem, as relações que a humanizam. O diário, nesse sentido, não é um acessório metodológico; é uma postura epistêmica, uma forma de reconhecer que o conhecimento também nasce do cotidiano, das margens, das experiências que não cabem nos formatos canônicos da produção acadêmica.

Compreendemos que esta é uma investigação em processo, como o próprio diário nos ensina. As análises aqui apresentadas são provisórias, parciais, abertas. Há muito ainda a

ISSN: 2358-8829

explorar, a narrar e a refletir. E é justamente nessa ideia inacabada que vive e ganha a força a potência formativa do diário; ele nos lembra, a cada página, que o conhecimento é um eterno devir, que o pesquisador nunca está pronto e que, mais do que respostas, são as perguntas que nos amplificam.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao grupo de pesquisa Gpesq.IDEIAS e a todos os colegas que participaram e participam desses encontros, cujas vozes, afetos e reflexões tornaram possível este trabalho.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Org.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EDUFSCar, 1998.

BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARBOSA, J. G.; HESS, R. O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liberlivros, 2010.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

EVARISTO, C. Escrevivências: nossos rastros, nossas vozes. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JESUS, C. M. de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALZA, M. A. Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. São Paulo: Ed. Unesp, 2023.